

## **A desigualdade social como ferramenta narrativa em *O Caminho para Wigan Pier*, de George Orwell**

Débora Reis Tavares<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo – CAPES  
(debora.tavares@usp.br)

**Resumo:** Diante do livro *O Caminho para Wigan Pier*, de George Orwell, e suas múltiplas interpretações, procuramos nos atentar à leitura dos paralelos entre problemas histórico-sociais e sua representação literária. Aqui estamos diante da crise econômica dos anos 1930 na Inglaterra e como isso afetou o setor minerador de Wigan. Com isso, a obra se apresenta dividida em dois formatos distintos: relato narrativo e ensaio argumentativo. A correlação entre os obstáculos históricos e seu desdobramento na estética literária nos propicia uma interpretação interessante sobre a obra orwelliana e sua potência transformadora perante a sociedade.

**Palavras-chave:** George Orwell; *O Caminho para Wigan Pier*; Literatura; História; Socialismo.

**Abstract:** Faced with the book *The Road to Wigan Pier*, by George Orwell, and all of its possible interpretations, we have seek to focus our reading regarding parallels between social and historical problems and its literary representation. We are dealing with England's 1930s economic crisis and how it has affected the coal sector around Wigan. Therefore, the book is divided in two different forms: narrative account and argumentative essay. The correlation among historical obstacles and its unfolding within a literary aesthetics contributes with an interesting interpretation regarding Orwell's work and its transforming power towards society.

**Keywords:** George Orwell; *The Road to Wigan Pier*; Literature, History; Socialism.

**Resumen:** Ante el libro *El Camino a Wigan Pier* de George Orwell y sus múltiples interpretaciones, procuramos atentar a la lectura de los paralelos entre problemas histórico-sociales y su representación literaria. Aquí estamos ante la crisis económica de los años 1930 en Inglaterra y cómo esto afectó al sector minero de Wigan. Con ello, la obra se presenta dividida en dos formatos distintos: relato narrativo y ensayo argumentativo. La correlación entre los obstáculos históricos y su desdoblamiento en la estética literaria nos propicia una interpretación interesante sobre la obra orwelliana y su potencia transformadora ante la sociedad.

**Palabras clave:** George Orwell; *El camino a Wigan Pier*; Literatura; Historia; Socialismo.

### **Ensaio documental: o caminho para a ficção**

“Todos os textos são narrativas. Mesmo os que não são, são” (DUARTE, 2015, p. 188). Frequentemente conseguimos identificar uma história por trás de um texto, seja por meio de observações discursivas, seja por elementos ideológicos. E uma história pode ser tanto de personagens, quanto de ideias e conceitos. Em narrativas e em textos, o fio condutor está atrelado a uma voz que nos guia e nos

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Estudos Linguísticos e Literários de Língua Inglesa da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP).

apresenta esses elementos. Estamos próximos demais à narração, pois ela é a única ponte com o conteúdo vinculado em um texto.

No caso orwelliano, a voz narrativa que nos conduz é complexa, pois existe uma linha tênue entre ficção e realidade, especificamente em *O Caminho para Wigan Pier*. Temos aqui uma história não ficcional, contada de duas formas, separada em duas partes. Além disso, a publicação também traz uma história no seu pano de fundo, pois sua elaboração não pode ser vista como espontânea. O livro foi comissionado como uma viagem ao norte da Inglaterra, para que abordasse as condições sociais e o desemprego da região mineradora de Wigan, Barnsley e Sheffield. Portanto, trata-se de uma jornada determinada pelo editor de Orwell, Victor Gollancz, e não do próprio Orwell (CRICK, 1980, p. 181).

Todos esses fatores vão influenciar o modo como o foco narrativo organiza e apresenta os fatos ao longo do livro. *O Caminho para Wigan Pier* possui aspectos inéditos na obra de Orwell: primeiro por ser comissionado e, segundo, por romper com algumas escolhas formais que faziam com que obras como *Na pior em Paris e Londres* e *Lutando na Espanha* (2006) tivessem vários aspectos autobiográficos e jornalísticos sendo predominantes. Aqui ainda existem resquícios do relato biográfico, principalmente por conta da narração em primeira pessoa. Porém, observamos uma voz narrativa mais elaborada, ficcionalizada.

Essencialmente dividido em duas partes, o livro, publicado em 1937, começa em meio a descrições atentas dos afazeres e do cotidiano dos mineradores. Essa é a primeira história que conseguimos observar sendo retratada. Temos um enredo que gira em torno de uma classe trabalhadora, sob o ponto de vista de um observador da classe média (NEWSINGER, 1999, p. 33-34), que constantemente faz comparações com a própria experiência: “(...) a mina é como o inferno, ou pelo menos como a imagem mental que faço do inferno” (ORWELL, 2001, p. 18).

Não se trata do narrar de personagens fictícios, e sim do descrever operários ingleses, suas rotinas e, principalmente, suas dificuldades. Mesmo assim,

observamos que existe uma história a ser contada: a de um setor da classe trabalhadora na década de 1930 ao norte da Inglaterra.

Da mesma forma que em um romance existe um espaço, o tempo e personagens determinados, em *O Caminho Para Wigan Pier* também observamos essas categorias sendo reveladas. Porém, em vez de serem organizadas sob o manto narrativo ficcional tradicional, observamos os desdobramentos de suas vidas sob o ponto de vista do relato documental.

Posteriormente, na segunda parte, a história deixa de ser a dos personagens em Wigan, para ser a narrativa de ideias em torno de questões políticas sobre o rumo da Inglaterra sepultada no capitalismo, nos braços da decorrida Revolução Industrial: “O socialismo, ao menos nesta ilha, não tem mais cheiro de revolução nem de derrubada de tiranos; tem cheiro de excentricidade, adoração às máquinas e ainda o estúpido culto à Rússia.” (ORWELL, 2001, p. 201). O que antes foi construído ao longo do livro com base em descrições no relato, agora é usado como fundamento para desenvolver uma história de ideias que permeia o contexto dos trabalhadores no ensaio.

Pensar a forma desse quinto livro de George Orwell é imprescindível na compreensão do papel do autor como um crítico afiado do seu contexto político. Aqui existe a onipresença do realismo no procedimento de discorrer sobre a conjuntura da época, associada a graves tensões sociais e políticas, em vez de fazer uso de procedimentos estéticos vanguardistas predominantes do modernismo, também vigente no período.

A ideia da divisão do livro em duas partes oferece um paralelo interessante que nos permite elencar algumas categorias. A primeira parte, o relato, em que predomina o método naturalista de descrever tudo que ocorre à volta do narrador, está coberta de passagens belas que se assemelham muito ao procedimento de um romance. De certa forma, as descrições cumprem o papel de alicerce para os levantamentos teóricos da segunda parte, de caráter mais abstrato e que movimenta

conceitos. Na primeira parte, o que chama mais atenção é a forma, com traços realistas; na segunda, a ênfase recai sobre o conteúdo, de teor mais crítico, repleto de referências políticas.

### **O narrador como ficcionalização do eu**

Mesmo não sendo um romance, *O Caminho Para Wigan Pier* possui um narrador que organiza os acontecimentos, descreve os entornos e, principalmente, apresenta seu ponto de vista. Aqui temos uma questão complexa, pois existe uma sutileza na construção dessa voz narrativa, que muitas vezes apresenta o olhar do próprio autor “(...) logo lembrei dos canis imundos que tinha visto na Birmânia” (ORWELL, 2001, p. 56), e muitas vezes atua como um narrador mais próximo do literário:

(...) In the end Mrs Brooker's self-pitying talk – always the same complaints, over and over, and always ending with the tremulous whine of 'It does seem 'ard, don't it now?' – revolted me even more than her habit of wiping her mouth with bits of newspaper. But it is no use saying that people like the Brookers are just disgusting and trying to put them out of mind. For they exist in tens and hundreds of thousands; they are one of the characteristic by-products of the modern world. You cannot disregard them if you accept the civilization that produced them. For this is part at least of what industrialism has done for us. (...) and this is where it all led – to labyrinthine slums and dark back kitchens with sickly, ageing people creeping round and round them like blackbeetles. It is a kind of duty to see and smell such places now and again, especially smell them, lest you should forget that they exist; though perhaps it is better not to stay there too long. (p. 14)

Esse trecho se refere à dona da pensão que hospeda o narrador e cujos hábitos são descritos de maneira muito precisa. Vale observar que ele, principalmente por estar em primeira pessoa, também integra a obra como um personagem do relato, cujo papel é o de observador crítico. Esse narrador personagem interfere constantemente, comentando o mundo que vê, rompendo com

o paradigma formal do ensaio documental, em que predomina a observação objetiva. John Mander (1975, p. 108) afirma que o narrador “ideal” de um documentário “é como o herói de Defoe em *A Journal of the Plague Year*, fisicamente móvel, mas psicologicamente um personagem passivo, cuja mente conhecemos bem, mas que não impõe sua opinião enfaticamente”.

Segundo Zwerdling (1974, p. 163), o documentário se preocupa com o mundo exterior, com a intenção de ordenar um aparente caos e, no caso orwelliano, a insistência em fazer do escritor um mero observador científico se mostra intolerável. O narrador se desdobra nas duas partes do livro cumprindo papéis diferentes, primeiro agindo como narrador personagem, que caminha em meio ao cotidiano dos mineradores e comenta tudo o que vê, para mais tarde refletir sobre tudo o que presenciou, elaborando algumas hipóteses políticas.

Um exemplo do narrador personagem pode ser visto no trecho acima, na descrição da dona da pensão. O fato de Mrs. Brooker reclamar constantemente sobre as mesmas coisas causa revolta nele, assim como o hábito dela de limpar a boca com pedaços de jornal. De início temos o recorte em torno de uma personagem e, depois, passamos a um patamar mais amplo, que categoriza Mrs. Brooker como integrante de uma classe, um produto do mundo moderno. O narrador focaliza a singularidade da dona da pensão, destacando para duas qualidades negativas que o incomodam, para depois justificar sua repugnância para com ela ao localizá-la em uma classe social, e ao compreender que se trata de uma camada sujeita às intempéries da modernidade.

Com isso, existe uma clara contradição do narrador que se coloca a favor da classe baixa, mas ao ter contato direto com ela expressa imediata repulsa. Esse procedimento é lembrado por Hoggart (2001, p. ix) ao mencionar a constante presença de contradições na escrita orwelliana: a compaixão pelos marginalizados e, ao mesmo tempo, um incômodo típico da classe média quando entra em contato direto com eles. Existe o movimento de ir ao encontro das classes baixas da

sociedade, de forma muito fraterna, porém essencialmente solitário (HOGGART, 2001, p. x). E aqui, essa contradição está em quem aceita a lógica do mundo moderno, e principalmente desfruta dela, mas se sente incomodado com a presença de pessoas como Mrs. Brooker, que não precisam manter aparências, desenvolver papéis sociais dúbios para sobreviver socialmente. No momento em que o narrador se coloca em meio aos que aceitam esse tipo de sociedade, usando o pronome *us*, ele critica as camadas média e alta que se recusam a olhar para a camada baixa, manifestos no seu próprio impulso de repelir a senhora que limpa a boca com pedaços de jornal e reclama das mesmas coisas todos os dias.

Em seguida, o foco narrativo sintetiza essa contradição em um símbolo constante ao longo da obra: o cheiro. Aqui, o ato de cheirar os lugares significa mergulhar em sua realidade, entender profundamente seu funcionamento e se sentir incomodado com o odor que emana dos cortiços, das minas de carvão, das ruas sem saneamento básico. Porém, esse ato de ir até à margem da sociedade significa demonstrar a importância dela, de querer entender como se organiza, significa ter compaixão pelos excluídos, pelas vítimas da lógica que permite acesso a poucos. Para o narrador é um dever fazer esse movimento, sentir o cheiro de tal existência para que ela não seja apagada da memória coletiva por meio da alienação. Ir ao encontro da classe trabalhadora é um ato de consciência de classe, que somente um membro da classe média ou alta poderia fazer.

É de maneira multifacetada, como em um turbilhão, que esse narrador ficcionalizado nos conduz pelas ruas de Wigan. Sabemos que de fato Orwell fez a jornada até o norte da Inglaterra e que não foi preciso criar um mundo ficcional para contar uma história, porém, o fio condutor desse relato é uma construção, assim como o narrador de um romance. Alfonso Berardinelli compara o caráter pragmático em primeiro plano do ensaio orwelliano com outros ensaístas, como Adorno e Sartre, que priorizam a “paixão pelas idéias e pelos sistemas teóricos que movimentam a escritura” (BERARDINELLI, 2011, p. 31).

Com isso, a escrita de *O Caminho para Wigan Pier* tem aspectos muito mais claros e objetivos do que parágrafos turvos característicos de outros ensaístas que possuem um propósito diferente, de distanciar a escrita política e não deixá-la acessível. A própria afirmação de Orwell “A boa prosa é como uma vidraça” já o situa em meio a tantos ensaístas. Enquanto alguns priorizavam o jogo de ideias por pura argumentação, outros buscavam, por meio das ideias organizadas de maneira mais acessível, mudar a sociedade.

### **Submergir em meio aos oprimidos**

John Newsinger (1999, p. 24-25) afirma que, na jornada de Orwell, para compreender a pobreza é preciso estar em meio aos oprimidos. O narrador de *O Caminho para Wigan Pier* vai ao encontro dos mineradores, a classe que manejava a matéria-prima responsável por sustentar muitas das máquinas do século XX. Tudo era proveniente do carvão, “desde tomar um sorvete até atravessar o Atlântico, desde assar um pão até escrever um romance” (ORWELL, 2001, p. 29).

A descida até a mina pode ser vista como um movimento literal e, ao mesmo tempo, metafórico. Em um primeiro plano, significa descer níveis cada vez mais profundos nas cavernas de extração de carvão. Em segundo, adentrar o subterrâneo simboliza deixar o centro para ir rumo à margem do sistema de classes. O mundo vive da extração do carvão, cujos trabalhadores são “a contraparte indispensável do nosso mundo na superfície” (ORWELL, 2001, p. 29). Os mineradores atuavam debaixo da terra numa jornada de mais de 12 horas, para que todos os outros que habitam a face exterior pudessem “continuar sendo superiores” (ORWELL, 2001, p. 30):

When I came home on leave in 1927 I was already half determined to throw up my job, and one sniff of English air decided me. I was not going back to be a part of that evil despotism. (...) I had reduced everything to the simple theory that the oppressed are always right and the oppressors are always wrong: a mistaken theory, but the

natural result of being one of the oppressors yourself. I felt that I had got to escape not merely from imperialism but from every form of man's dominion over man. I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants. And, chiefly because I had had to think everything out in solitude, I had carried my hatred of oppression to extraordinary lengths. At that time failure seemed to me to be the only virtue. Every suspicion of self-advancement, even to 'succeed' in life to the extent of making a few hundreds a year, seemed to me spiritually ugly, a species of bullying. It was in this way that my thoughts turned towards the English working class. It was the first time that I had ever been really aware of the working class, and to begin with it was only because they supplied an analogy. They were the symbolic victims of injustice, playing the same part in England as the Burmese played in Burma. (...) Here in England, down under one's feet, were the submerged working class, suffering miseries which in their different way were as bad as any an Oriental ever knows. (p. 138-39)

Agora o relato documental passa a ter o teor de ensaio, o que muda o aspecto formal do texto, em que a descrição não predomina mais. Agora cabe ao narrador manusear o ambiente, criado na primeira parte, para expor suas opiniões e tecer comentários críticos. Isso acontece principalmente com relação à organização da sociedade inglesa, que se desenvolve de forma desigual, presenciada no cotidiano dos mineradores.

O mais importante está no fato de que o narrador se coloca como parte dos opressores e dá razão aos oprimidos, justamente por entender como funciona o sistema de classes. E após manifestar sua consciência de classe, ele submerge em meio aos oprimidos, para estar ao lado deles contra a tirania. Após vivenciar a injustiça, o narrador personagem tenta lutar contra ela. Em primeiro lugar, expondo como tamanha desigualdade se organiza e, em segundo, criticando a maneira como ela ocorre.

A necessidade incontrolável de submergir em direção às camadas baixas, de descer nas profundezas da terra nas minas de carvão, vem da consciência de que as camadas altas oprimem as mais baixas, e que algo precisa ser feito a respeito. E

mesmo afirmando ser equivocada a teoria de que os oprimidos estão sempre certos, o narrador demonstra uma visão crítica de sua própria condição de privilegiado.

Ao mesmo tempo, podemos observar que essa visão crítica ocorre de maneira solitária. Ou seja, temos um intelectual que se coloca ao lado de uma classe à qual ele não pertence e que almeja lutar contra tiranias sociais ao lado deles. Essa tirania vem das camadas hegemônicas e o narrador está sozinho, tanto como único membro da elite consciente dessa problematização, quanto o único entre eles que se dispõe a uma imersão em meio aos oprimidos.

Essa solidão pode ser problematizada em duas leituras: primeiro, a da vanguarda intelectual isolada, que pretende guiar os trabalhadores. Ou, em segundo lugar, como uma crítica aos intelectuais que não renunciam às suas posições do alto da torre de marfim, desvinculados de preocupações práticas, deixando nosso narrador sozinho. Parece que o segundo caso é mais pertinente em *O Caminho Para Wigan Pier*, justamente pelo rumo do parágrafo partir da colônia, a Birmânia, em direção ao império, Londres, como a fonte de problemas e desigualdades. Ao situar a gênese da dominação no solo inglês, o narrador se aproxima de seu próprio ambiente para direcionar seu olhar crítico. Ou seja, não seria preciso percorrer grandes distâncias até o oriente para encontrar os frutos do contraste social, basta olhar para baixo, *down under one's feet*.

Em seguida, deparamos com a afirmação de que o fracasso é visto como virtude (*At that time failure seemed to me to be the only virtue*), e isso pode ser contestado. Por um lado, o fato de ser considerada uma qualidade faz com que o isolamento do narrador só ocorreria por meio de uma renúncia aos bens materiais, sendo marginalizado. Isso parece simples vindo de um ponto de vista de um narrador que sempre teve acesso a muitos recursos. E ainda, pode soar como idealização da ausência de bens materiais. A falha como virtude, o “vencer’ na vida (...) parecia algo espiritualmente feio” (ORWELL, 2001, p.138), pode estar muito

próximo de uma moral que valoriza a abdicação do sistema terreno rumo a uma suposta ascensão.

Por outro lado, ao caminhar do centro em direção à margem, o narrador se dá conta da existência da classe trabalhadora, que antes só existia como uma analogia, como vítimas simbólicas do sistema. O movimento de descida ao encontro dos trabalhadores faz com que o narrador perca as amarras sociais que o impediam de ver a realidade em sua totalidade, mascarada sob o manto ideológico. E ao trazer à tona o problema para o entorno inglês, ele percebe que a classe trabalhadora é esquecida da mesma maneira como ocorre na colônia.

Ao observar os trabalhadores, o narrador reflete a respeito da sua própria condição. Ele vê no outro o seu oposto, para pensar sobre si mesmo. Com isso, posteriormente, ele retoma um terceiro elemento, a elite, de maneira crítica, como se estivesse fazendo uma síntese.

(...) Which class do I belong to? Economically I belong to the working class, but it is almost impossible for me to think of myself as anything but a member of the bourgeoisie. And supposing I had to take sides, whom should I side with, the upper class which is trying to squeeze me out of existence, or the working class whose manners are not my manners? It is probable that I personally, in any important issue, would side with the working class.

(...)

Economically, I am in the same boat with the miner, the navy, and the farm-hand; remind me of that and I will fight at their side. But culturally I am different from the miner, the navy, and the farm-hand: lay the emphasis on that and you may arm me against them. If I were a solitary anomaly I should not matter, but what is true of myself is true of countless others. (...) All that is needed is to hammer two facts home into the public consciousness. One, that the interests of all exploited people are the same; the other, that Socialism is compatible with common decency. (p. 209-14.)

Ao ponderar sobre sua classe social, o narrador estabelece dois patamares de leitura: o econômico e o cultural. No primeiro, ele se vê mais próximo da classe trabalhadora, porém, ao mesmo tempo, pertencente à burguesia. Essa contradição

está na maneira como ele compreende os costumes, que sempre lhe foram dados nas normas da elite. Entretanto, essa mesma elite que o criou tenta extinguir sua existência, fazendo com que ele não pertença nem à classe trabalhadora, nem à elite, especificamente. Ele não se identifica com os hábitos dos mais pobres, nem possui todos os privilégios econômicos da burguesia, ocupando um espaço incerto em meio aos dois.

Aqui temos duas categorias sociais e a nenhuma das quais o narrador se enquadra especificamente: o trabalhador braçal e a elite (MARX, ENGELS 1991, p. 45). No conceito de trabalhador existem diversas nuances que determinam o local nos meios de produção como se fosse uma pirâmide. O primeiro tipo está na sua base e consiste no trabalhador proletário – no caso, os mineradores – que vende sua capacidade de trabalhar. Com isso, os produtos de seu trabalho não lhe pertencem, mas sim àqueles que compram sua mão de obra e lhe pagam um salário, ou seja, a elite.

Um pouco mais acima nessa pirâmide temos o trabalhador médio, que também depende da venda de sua mão de obra. Esse trabalhador vende os produtos do próprio trabalho, como um serviço (MARX, ENGELS, 1987, p. 400). Sendo assim, ele continua sendo explorado pela burguesia, contribuindo para aumentar ainda mais a massa de proletários na lógica do sistema de classes.

E finalmente, permeando a parte média e a parte superior da pirâmide, temos o trabalhador cerebral, o intelectual. Ele ocupa uma parte nebulosa, que pode servir à burguesia defendendo valores que conservam a exploração, ou pode estar à margem dessa camada privilegiada, tentando se autonomizar e buscar representar uma classe que não a sua, no caso os proletários. É aqui que podemos identificar a posição incerta do narrador.

Quando o narrador indaga sobre qual lado deveria defender, ele se coloca junto da classe trabalhadora, pois se vê no mesmo barco, economicamente, dos mineradores, marinheiros, camponeses, que vendem sua mão de obra. Porém, ele

se percebe diferente desses trabalhadores em termos culturais, e isso pode ser um fator que o coloque em oposição a eles. A formação cultural cria a ilusão de um falso pertencimento, ainda mais em uma classe que desfruta de pequenos privilégios materiais que os distanciam em meios de vida. Um trabalhador intelectual que não mora em cortiços e não tem pouco acesso a recursos básicos, quando se defronta com essa realidade sente o contraste do abismo social. E essa ilusão é muito bem desenvolvida, pois isso o impede de se perceber como igual ao trabalhador proletário, afinal o que possuem em comum é o fato de venderem sua mão de obra, de um jeito ou de outro.

E justamente por não se identificar culturalmente com o proletariado, o intelectual médio pode ser colocado contra eles, como ocorre frequentemente, conforme observa o narrador (*If I were a solitary anomaly I should not matter, but what is true of myself is true of countless others*). É por meio da descida rumo aos marginalizados que o narrador percebe que suas condições em comum com os mineradores podem ser usadas de maneira crítica e transformadora. Ao tomar consciência de que “o interesse de todos os explorados são os mesmos”, ele pode partir para pensar o que traria a mudança. Talvez por meio de um sistema que destrói a divisão em classes, sendo “o socialismo compatível com a mentalidade da pessoa decente comum”.

### **Socialismo de classe**

*O Caminho Para Wigan Pier* apresenta em um primeiro momento os males do desemprego e da exploração dos trabalhadores e, posteriormente, sugere um remédio, o socialismo. Porém, de acordo com Robert Colls (2013, p. 61), não é isso que acontece. Em vez disso, o socialismo, e principalmente, a elite intelectual que o defende, surgem não como a solução, mas como o problema; e os desempregados e explorados não surgem como o problema, mas como a solução.

O narrador argumentativo da segunda parte executa o papel de advogado do diabo ao contrabalancear premissas de forma que, em vez de defender o socialismo tal qual estava sendo feito na Inglaterra pelo Partido Comunista<sup>2</sup>, ele coloca os intelectuais como empecilhos para o desenvolvimento do socialismo e, por consequência, vê nos trabalhadores a solução para o capitalismo. Ele apresenta em um primeiro momento o socialismo como solução para o desemprego e desigualdade. Porém, ao analisar a maneira como o socialismo era proposto pelas elites, e não pelas massas, o narrador problematiza essa polarização em três momentos importantes:

The first thing that must strike any outside observer is that Socialism, in its developed form is a theory confined entirely to the middle classes. The typical Socialist is not, as tremulous old ladies imagine, a ferocious-looking working man with greasy overalls and a raucous voice. He is either a youthful snob-Bolshevik who in five years' time will quite probably have made a wealthy marriage and been converted to Roman Catholicism; or, still more typically, a prim little man with a white-collar job, usually a secret teetotaler and often with vegetarian leanings, with a history of Non-conformity behind him, and, above all, with a social position which he has no intention of forfeiting. (...) To this you have got to add the ugly fact that most middleclass Socialists, while theoretically pining for a class-less society, cling like glue to their miserable fragments of social prestige. (...) For it must be remembered that a working man, so long as he remains a genuine working man, is seldom or never a Socialist in the complete, logically consistent sense. Very likely he votes Labour, or even Communist if he gets the chance, but his conception of Socialism is quite different from that of the, book-trained Socialist higher up. To the ordinary working man, the sort you would meet in any pub on Saturday night, Socialism does not mean much more than better wages and shorter' hours and nobody bossing you about. (...).

---

<sup>2</sup> Na década de 1930 o Partido Comunista da Grã Bretanha (GBCP) concentrava sua militância em causas operárias como a dos mineradores escoceses, contra os fascistas e nazistas (Fonte: JACBOS, Joe. *Out of the Ghetto*. London: Phoenix Books, 1991). Porém, existe a controvérsia de que o dinheiro usado para a fundação do Partido veio da Rússia, ainda na época de Lenin em 1919 (Fonte: WHEELER, Brian. *What happened to the Communist Party of Great Britain's millions?* IN: <http://www.bbc.com/news/uk-politics-18351323>) e com isso a União Soviética exercia grande influência na Inglaterra, ainda mais considerando a polarização dos eixos no entre guerras e na Segunda Guerra Mundial. (Fonte: HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 144-78).

Often, in my opinion, he is a truer Socialist than the orthodox Marxist, because he does remember, what the other so often forgets, that Socialism means justice and common decency. But what he does not grasp is that Socialism cannot be narrowed down to mere economic justice' and that a reform of that magnitude is bound to work immense changes in our civilization and his own way of life. (p. 161-64)

Na primeira parte do excerto acima, o narrador contesta a questão de que o socialismo é uma teoria voltada apenas para a classe média e, ainda, desmitifica a figura do socialista de macacão sujo de graxa e de voz alta. Essa imagem caricata do que seria um socialista possui um paralelo direto com a influência da União Soviética na organização dos Partidos Comunistas ao redor do mundo<sup>3</sup>. O estereótipo do operário é quebrado pelo narrador ao considerar o futuro do “bolchevique esnobe”, que irá, supostamente, acumular dinheiro em um casamento de interesses sob os olhos da igreja católica, ou ainda, do trabalhador de colarinho branco indignado com as desigualdades, mas nunca disposto a abrir mão de sua posição social. A construção dessas figuras, por meio do estereótipo e da sátira, configuram a crítica social precisa, em que o narrador evidencia o foco de sua crítica: a classe média e seu imaginário.

Isso fica mais evidente no trecho seguinte. A solução para o capitalismo está no socialismo, mas nunca naquele que vem de uma classe média incapaz de abrir mão dos pequenos fragmentos de prestígio social. A classe média, justamente por estar entre a classe trabalhadora – e compartilhar com ela uma posição na linha de produção, apenas em um patamar superior – e a elite – cujos esboços de privilégio escapam em migalhas para a classe média – criam uma ilusão de superioridade que as distanciam do ponto de vista crítico. Essa posição mediana as impedem de verem

---

<sup>3</sup> Um dos mais importantes documentos que denunciam o autoritarismo de Stalin surge apenas em 1956, posteriormente à morte de Orwell, com o Discurso Secreto, ou o Relatório Khrushchov, em que são delatadas as ações de Stalin, principalmente sobre os Grandes Expurgos que aconteceram entre 1937-39. Porém, podemos observar na obra de Orwell uma denúncia cerrada contra a posição dos intelectuais que defendem apenas seus próprios privilégios e fazem “um culto estúpido à Rússia” (p. 201), considerando que na década de 1930 a Era Stalin estava em seu auge com as planificações econômicas, a burocratização e a execução de opositores por meio dos Grandes Expurgos.

sua própria exploração e as mantêm alguns degraus acima na escala da sociedade de classes, custe o que custar.

O narrador contesta o socialismo que vem das classes médias, supostamente indignadas com o desequilíbrio econômico e social. Ao inverter o foco, e fazer da solução o problema, o narrador se volta para a sua classe e observa o atraso que as contradições da camada média trazem para a emancipação social. Newsinger (1999, p. 33-34) afirma que a intervenção política de *O Caminho Para Wigan Pier* está no ponto de vista de um observador da classe média voltada para ela mesma. Ou seja, em momento algum o narrador se propõe a conduzir as massas, ou até mesmo conscientizá-las; o seu foco está em criticar aqueles da sua classe que atrasam o desenvolvimento de uma possibilidade social que existiria no socialismo.

Em seguida, vemos como o trabalhador braçal possui um conceito de socialismo distinto do “socialista treinado nos livros”. Sua ênfase recai sobre aspectos materiais, tais como melhores salários e a diminuição da jornada de trabalho, e com isso é um socialista mais verdadeiro do que o marxista ortodoxo, pois segundo o narrador, o socialismo implica justiça e *common decency*<sup>4</sup> (STEWART, 201, p. 02-03).

No seu papel de advogado do diabo, o narrador, em primeiro lugar, critica a sua própria classe, em seguida foca na potência transformadora das classes trabalhadoras por terem uma visão mais prática, para ainda fazer o caminho inverso e apontar aquilo que há de escasso nos trabalhadores para serem socialistas de maneira completa. Ou seja, o economicismo operário que requer um salário mais justo não pode ser todo o argumento em favor do socialismo. Justamente pelo

---

<sup>4</sup> A decência é um tema recorrente na obra dos anos 1930 orwellianos. Anthony Stewart (2010) comenta que Orwell nos ensina com a ideia de decência como enxergar aquilo que temos em comum em termos de humanidade. Para que isso seja possível, é preciso que nos vejamos duplamente, ou seja, observando nossos próprios interesses em relação aos interesses dos outros. Para ele, em *O Caminho Para Wigan Pier*, essa decência comum (*common decency*) implica no respeito dos direitos individuais com relação aos outros.

trabalhador braçal não ter sido treinado nos livros, o aspecto de teórico, apresentado como exclusivo da classe média, escapa ao olhar do trabalhador braçal.

No terceiro momento do trecho estão elencados três tipos sociais e suas relações com o socialismo: o trabalhador; a classe média representada no intelectual socialista preparado por meio da leitura; e o revolucionário. No primeiro, temos aqueles pertencentes à classe trabalhadora, que veem no socialismo um equalizador em que há justiça e condições decentes de vida. No segundo, temos o intelectual que vê o socialismo como uma teoria econômica que lida com questões filosóficas fazendo uso do que parece ser a dialética, uma simplificação caricata do marxista de gabinete, e que pode, ainda, ser categorizado também como trabalhador, mas o que deixa de trabalhar com as mãos para lidar com ideias. Em último lugar, temos os revolucionários que veem no sistema socialista um grito de guerra na trincheira contra opressões. Dessa forma, ao categorizar três tipos sociais, observamos um posicionamento a favor da classe trabalhadora no que diz respeito ao que é mais “correto” na abordagem do socialismo, afinal é nela que se encontram os mecanismos concretos de desigualdade e em que o socialismo se coloca como uma proposta coerente.

Em outras palavras, o percurso argumentativo do narrador forma um ciclo dialético. Esse ciclo começa criticando o isolamento do intelectualismo da classe média, passa para aqueles que vivenciam a prática e não possuem o conhecimento teórico, ou seja, uma realidade oposta à dos intelectuais, para voltar à necessidade do conhecimento prático aliado ao teórico, de modo a pensar em um socialismo que modifique de fato a sociedade de classes. A partir disso, fica evidente a necessidade mais provável da prática adquirir a teoria do que o inverso. Uma vez já constatado que os detentores de migalhas de privilégio não estão dispostos a ceder em direção à aquisição da prática, cabe àqueles que vivenciam a prática somar o conhecimento teórico. E a grande questão está em como agregar a práxis com a teoria:

The truth is that, to many people calling themselves Socialists, revolution does not mean a movement of the masses with which they

hope to associate themselves; it means a set of reforms which 'we', the clever ones, are going to impose upon 'them', the Lower Orders. (p. 167)

Aqui podemos observar a crítica irônica ao típico socialista que supõe o seu papel como condutor de um conjunto de reformas em que 'nós' – os intelectuais, incluindo o narrador – impomos a 'eles', em vez de ser um movimento de massas em que os intelectuais se associem. A composição dessa ironia pode ser observada na inversão dos sentidos: ele coloca o seu ponto principal numa oração negativa, como se estivesse mostrando o ponto de vista da elite, para em seguida colocar na afirmativa aquilo com que ele discorda, mas que é o lema dos intelectuais.

Com isso, podemos levantar hipóteses de que enquanto o “socialista treinado nos livros” não compartilhar o seu conhecimento e se conscientizar de que também faz partes das massas – cada qual com uma função social distinta – a proposta socialista vai continuar sendo a de reformas em que os intelectuais, o 'we', irão impor aos excluídos, a 'eles'. Aqui o paralelismo de classe fica evidente no uso de termos como *clever ones* em contraste com *Lower Orders*, *we* versus *them*.

O cerne da premissa está contido nesse pequeno trecho acima. O livro todo exerce o papel de criticar os intelectuais, tentar trazer um incômodo característico do processo de consciência de classes, para que entendam o seu papel dentro das massas, ao lado dos trabalhadores, e não como um guia reformista que só mantém suas regalias por meio da distinção de classes.

Esse foco naqueles mais distintos intelectualmente pode ser visto ao longo do restante do ensaio, em que o narrador volta a dar exemplos de contradições no meio intelectual (o filósofo marxista, os “jovens alpinistas social-literários que são comunistas agora, assim como serão fascistas daqui a cinco anos, porque está na moda” (ORWELL, 2001, p. 169), o sindicalista que desfruta de benesses burguesas, entre outros) justamente para enfatizar o seu ponto de vista crítico. Não existe uma

proposta ou uma receita de como o socialismo deveria ser construído na Inglaterra, mas, ao analisar as críticas direcionadas a alguns tipos sociais, é possível notar o caminho pelo qual ele considera efetivo. Justamente por ter revelado um ponto vulnerável da *intelligentsia* inglesa, essa segunda parte do livro recebe o prefácio do editor de Orwell que tenta se redimir para o público inicial que teria o primeiro contato com a obra, os intelectuais do *Left Book Club*.

Posteriormente a essa análise cíclica, o narrador indaga no começo do último capítulo “será que existe algo que possamos fazer a respeito?” (ORWELL, 2001, p. 202). Com isso, podemos observar que ele se inclui no papel de quem tenta buscar uma solução para o problema da consciência de classes e na difusão do socialismo como alternativa política:

My job here, therefore, is to suggest—necessarily in very general terms—how a reconciliation might be effected between Socialism and its more intelligent enemies. (...) the other is the fact that Socialism is too often coupled with a fat-bellied, godless conception of ‘progress’ which revolts anyone with a feeling for tradition or the rudiments of an aesthetic sense. Let me take the second point first. The distaste for ‘progress’ and machine-civilization which is so common among sensitive people is only defensible as an attitude of mind. It is not valid as a reason for rejecting Socialism, because it presupposes an alternative which does not exist. When you say, ‘I object to mechanization and standardization—therefore I object to Socialism’, you are saying in effect, ‘I am free to do without the machine if I choose’, which is nonsense. We are all dependent upon the machine, and if the machines stopped working most of us would die. (p. 202-203)

(...) And this raises a great difficulty. It means that the issue of class, as distinct from mere economic status, has got to be faced more realistically than it is being faced at present. (. 208)

(...) If you are going to harp on the ‘dictatorship of the proletariat’, it is an elementary precaution to start by explaining who the proletariat are. (...) Probably we could do with a little less talk about ‘capitalist’ and ‘proletarian’ and a little more about the robbers and the robbed. But at any rate we must drop that misleading habit of pretending that the only proletarians are manual labourers. It has got to be brought home to the clerk, the engineer, the commercial traveller, the middle-class man who has ‘come down in the world’, the village grocer, the lowergrade civil servant, and all other doubtful cases that they are the

proletariat, and that Socialism means a fair deal for them as well as for the navy and the factory-hand. (p. 210-11)

Aqui observamos um percurso que se divide em três etapas: a primeira “fazer uma reconciliação entre o socialismo e seus inimigos mais inteligentes” (ORWELL, 2001, p.202), que consiste em refutar a repulsa que existe pela ideia de que o socialismo é a mecanização de tudo, aceitando o fato de que na sociedade “somos todos dependentes das máquinas, e se as máquinas parassem de funcionar a maioria de nós morreria” e, ainda, trazer para o movimento social a elite intelectual.

Em um segundo momento, o narrador se volta para “a questão das classes, distinta do mero status econômico, deve ser encarada de modo mais realista do que ocorre hoje”. Após observar as tensões que existem nas contradições da elite, ele tenta ir em direção ao cerne da questão: a consciência de classe. Em um terceiro momento, já que foi trazida à tona a importância da consciência de classe, o narrador conceitua o proletariado. Isto é, ir além da idealização do trabalhador braçal (*manual labourers*) e considerar outros tipos de trabalhadores, que também vendem a sua mão de obra. Para isso, ele cita o balconista, o engenheiro, o caixeiro viajante, o homem de classe média que empobreceu, o dono de armazém de bairro, o funcionário público. Todos esses são exemplos de membros da classe trabalhadora que nem sempre cumprem a mesma função, mas têm em comum o fato de terem de vender sua mão de obra em troca de um salário.

Esse movimento em três fases, parte de um recorte menor, dos tipos de socialistas intelectuais, para toda a classe trabalhadora, o que engloba também os intelectuais, que exercem o trabalho abstrato que mencionamos anteriormente. Esse movimento que inclui os intelectuais dentro da classe trabalhadora só é possível por meio da consciência de classe, que surge para o narrador por meio do contato com os mineradores de Wigan. Ou seja, a elite cerebral só sairá de sua inércia quando for colocada em contato com uma realidade que evidencie as contradições do

sistema social dividido em classes. Mesmo que não se desloquem fisicamente até Wigan, o relato e o ensaio tendem a cumprir o papel de despertar “a versão essencialmente barrigudinha do progresso” (ORWELL, 2001, p.177).

Em nenhum momento o narrador se coloca como um herói que irá trazer a todos o socialismo aliado à prática. Ele tem consciência crítica do seu papel e lugar na sociedade. Justamente por olhar para os lados e ver que aqueles que ocupam a mesma categoria social não têm uma postura crítica, ele resolve expor no relato e criticar no ensaio o que vê a sua volta. Temos ao longo do livro um panorama complexo de uma empreitada ficcionalizada sobre uma viagem comissionada para o norte da Inglaterra, que parte do ponto de vista da classe média, de forma que o livro direciona-se ao leitor de classe média, e não ao operário.

Ou seja, conforme declara Newsinger (1999, p. 41), a estratégia do narrador em fazer um relato detalhado sobre as condições dos mineradores tinha por objetivo chamar a atenção da classe média – que não sofria das privações encontradas no norte – com o uso de descrições e fatos altamente chocantes para incitar algum tipo de reação, ao menos reflexiva, sobre as desigualdades na Inglaterra e de como o socialismo poderia ser uma saída que oferecesse mais opções do que o capitalismo da época. Trata-se, portanto, de um livro concebido a partir do ponto de vista da classe média para o público da mesma classe, afinal *we have nothing to lose but our aitches*<sup>5</sup>.

## REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, Alfonso. “A Forma do Ensaio e Suas Dimensões” IN: **Remate de Males**. Campinas: Vo. 31, n. 1 – 2 (Sobre o Ensaio), 2011, p. 31.

COLLS, Robert. **George Orwell, English Rebel**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 61.

---

<sup>5</sup> Trata-se da última frase de *O Caminho para Wigan Pier*: aqui o narrador se refere à maneira pela qual o –h é pronunciado em inglês, sendo que no sotaque *cockney* ele tende a sumir, mostrando uma distinção de classes na oralidade, algo muito comentado nos países que usam o inglês britânico. Ainda, a frase dialoga com a célebre afirmação de Marx e Engels no *Manifesto Comunista* de que “Trabalhadores do mundo, uni-vos, vós não tendes nada a perder a não ser vossos grilhões”.

- CRICK, Bernard. **George Orwell: a Life**. Londres: Penguin, 1980, p. 181.
- DAVISON, Peter (ed). **George Orwell Diaries**. London: Harvill Secker Random House, 2009, p. 34-36.
- \_\_\_\_\_. **George Orwell – a Literary Life**. London: MacMillan Press LTD, 1996.
- DUARTE, P. “O ensaio como narrativa”. IN: **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. IX, n. 17 (jul - dez/ 2015), pp. 188-199.
- GLOVERSMITH, Frank (ed). **Class Culture and Social Change - a New View on the Thirties**. Sussex: The Harvester Press Limited, 1980,
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- INGLE, Stephen. **The Social and Political Thought of George Orwell**. New York: Routledge, 2006 p. 47.
- HOGGART, Richard. “Introduction”. IN: **The Road to Wigan Pier**. London: Penguin Modern Classics, 2001, p ix-x.
- MANDER, John. **The Writer and Commitment**. Westport, Connecticut: Praeger, 1975
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 3ª Edição, São Paulo: Hucitec, 1991, p. 45.
- \_\_\_\_\_. **Teorias da Mais Valia. Volume 1**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987
- NEWSINGER, John. **Orwell’s Politics**. London: Macmillan Press LTD, 1999
- ORWELL, George. “The Prevention of Literature”. IN: ORWELL, George. **Orwell and Politics**. London: Penguin Books, 2001, p. 379-93.
- \_\_\_\_\_. **The Road to Wigan Pier**. London: Penguin Modern Classics, 2001
- \_\_\_\_\_. **Why I Write**. London: Penguin Books – Great Ideas, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Dias na Birmânia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Na Pior em Paris e Londres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Lutando na Espanha**. São Paulo: Globo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Flor da Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- STEWART, Anthony. **George Orwell, Doubt and the Value of Decency**. New York: Routledge, 2010



ZWERDLING, Alex. **Orwell and the Left**. New Haven: Yale University Press, 1974.

Recebido em: 26/05/2017

Aceito em: 25/10/2017